

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO - UNIDADE SANTANA DO IPANEMA
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

EWERSON LIMEIRA CARVALHO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS EM
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA DO SERTÃO ALAGOANO**

Santana do Ipanema

2021

EWERSON LIMEIRA CARVALHO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS EM
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA DO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Contábeis da Universidade
Federal de Alagoas como requisito para grau
acadêmico de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Me. Esdras Carvalho

Santana do Ipanema

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Unidade Santana do Ipanema
Responsável: Rafaela Lima de Araújo – CRB4/2058

C331e Carvalho, Ewerson Limeira.
Educação financeira: análise da percepção dos acadêmicos em uma universidade pública brasileira do sertão alagoano / Ewerson Limeira Carvalho. - 2021.

30 f.: il.

Orientador: Esdras dos Santos Carvalho.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de Ciências contábeis. Santana do Ipanema, 2021.

Bibliografia: f. 25-27.

Apêndice: f. 28-30

1. Educação financeira. 2. Finanças pessoais. 3. Finanças comportamentais.
I. Título.

CDU: 650

EWERSON LIMEIRA CARVALHO

Educação Financeira: Análise da Percepção dos Acadêmicos em uma Universidade Pública Brasileira do Sertão Alagoano

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas Campus Sertão/Unidade de Santana do Ipanema e aprovado em: 31/03/2021.

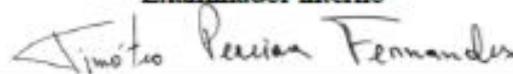


Prof. Me. Esdras dos Santos Carvalho, Orientador

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Me. Alcides José de Omena Neto, Avaliador 1
Examinador interno



Prof. Esp. Timóteo Pereira Fernandes, Avaliador 2
Examinador interno

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar se a educação financeira obtida junto aos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas de uma Universidade Pública localizada no estado de Alagoas, influencia na percepção e, conseqüentemente, no melhoramento das decisões financeiras dos discentes. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza descritiva associada a uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa por meio de um levantamento do tipo *survey*. Os resultados evidenciaram que ainda existe a necessidade de conhecer mais sobre finanças e educação financeira na autopercepção por parte dos discentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Econômicas. Conclui-se que os resultados do estudo indicaram que conhecimentos adquiridos pelos discentes nos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, contribuem para uma melhor percepção na tomada de decisões financeiras.

Palavras-chave: Educação financeira. Finanças comportamentais. Finanças.

ABSTRACT

This paper aims to analyze whether the financial education obtained from undergraduate courses in Accounting and Economic Sciences at a Public University located in the state of Alagoas, influences the perception and, consequently, the improvement of students' financial decisions. For this, a descriptive research was carried out associated with an exploratory research with a qualitative approach through a survey type survey. The results showed that there is still a need to learn more about finance and financial education in self-perception on the part of undergraduate courses in accounting and training. It is concluded that the results of the study indicate that knowledge acquired by students in undergraduate courses in Accounting and Economic Sciences, contributes to a better perception in making financial decisions.

Keywords: Financial education. Behavioral finance. Finance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Autopercepção do nível de conhecimento e segurança.....	18
Tabela 2 - Percepção do comportamento como investidor.	19
Tabela 3 - Eficiência da reserva emergencial.	20
Tabela 4 - Aversão a dívidas.	20
Tabela 5 - Propensão ao risco.	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BACEN	Banco Central do Brasil
B3	Brasil, Bolsa, Balcão
CNC	Confederação Nacional do Comercio de Bens, Serviços e Turismo
CVM	Comissão de Valores Mobiliarios
CVMN	Comisión Nacional del Mercado de Valores
COVID-19	Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus)
MEC	Ministério da Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1	Educação financeira	11
2.2	Finanças comportamentais	13
2.3	Estudos anteriores.....	14
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	25
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	28

1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, não é difícil perceber o desequilíbrio na forma como as pessoas têm gerido seus recursos. A história nos mostra que sempre foi exigido de todo aquele que busca ter um bom desenvolvimento financeiro e, conseqüentemente qualidade de vida, uma boa gestão de seus recursos; e, diante do atual cenário econômico-social agravado pela pandemia da Covid-19, essa característica se torna ainda mais imprescindível. No entanto, a busca pela satisfação no consumo imediato tem implicado em uma série de problemas financeiros, e a disponibilidade de crédito no mercado tem, em certa medida, contribuído para este cenário. Porém, o problema não se encontra especificamente na satisfação no consumo, e sim na falta de educação financeira por parte dos que a buscam (BRAUNSTEIN; WELCH, 2002).

As conseqüências oriundas de decisões financeiras ineficientes vão desde um descontrole das finanças pessoais até a inclusão do nome na lista de sistemas de devedores inadimplentes como o de Serviço de Proteção ao Crédito (SPC/ SERASA), algo extremamente desconfortável e prejudicial à qualidade de vida de qualquer indivíduo - principalmente diante de um contexto pandêmico. O que corrobora com a ideia das autoras Braunstein e Welch (2002), quando dizem que a forma ineficiente como os indivíduos têm administrado seu dinheiro os deixa vulneráveis a crises financeiras mais graves, evidenciando a existência de um despreparo educacional do indivíduo diante das questões financeiras.

Além das diversas formas disponíveis de pagamentos, existem as decisões de investimentos que, por sua vez, tampouco são simples, como é o caso da escolha da poupança. Nesse contexto, Lucci *et al.* (2006) trazem a ideia de que existem alguns fatores que contribuem para que as diversas alternativas de poupança se tornem cada vez mais de difícil acesso aos investidores, como as taxas de retorno, período de carência e quantia inicial mínima -o que leva os indivíduos à necessidade de possuírem conhecimento prévio sobre o assunto.

Posto que, de forma direta, as pessoas têm suas vidas afetadas pelas decisões financeiras ineficientes que tomam no decorrer da mesma, a presente pesquisa evidencia a educação financeira como ferramenta de conhecimento necessária para a organização das finanças e, conseqüentemente, decisões financeiras mais assertivas.

Diante disso, o presente estudo busca constatar a influência da educação financeira no processo decisório de universitários no sertão alagoano, visando conhecer a percepção

daqueles que receberam instrução formal sobre conceitos-chaves da área. Com base nisso, a questão que norteia este estudo é: **qual a percepção dos acadêmicos dos cursos de Ciências Contábeis e Econômicas de uma instituição pública de ensino superior alagoana acerca de renda e da influência da Educação Financeira?**

Para isso, têm-se como objetivo analisar a percepção dos discentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas em uma Universidade Pública Brasileira do Sertão Alagoano. Mais especificamente, pretende-se identificar o nível de conhecimento a respeito de noções no âmbito da educação financeira, examinar a percepção dos discentes frente a situações de decisões financeiras bem como identificar o perfil socioeconômico da população em estudo.

Tendo em vista a forma alarmante de como o número de pessoas endividadas tem crescido no decorrer dos últimos anos, apontado pelos dados estatísticos da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo -CNC (2019), onde o percentual de famílias brasileiras com algum tipo de dívida atinge, em média, a marca de 63,5% em agosto do ano de 2019. Este estudo justifica-se pela sua relevância e importante contribuição que faz ao meio social/acadêmico, por disseminar um conteúdo de significativa relevância que possibilita a conscientização e conhecimento daqueles que buscam melhorar seu gerenciamento financeiro através da educação financeira.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Educação financeira

Entendida como um processo de difusão de conhecimento, a educação financeira consegue proporcionar aos indivíduos capacidade técnica para decisões mais assertivas e, conseqüentemente, um gerenciamento melhorado de suas finanças pessoais (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Seguindo esse mesmo pensamento, também se entende por educação financeira o conhecimento de opções de investimento, o entendimento numérico e a compreensão de conceitos como inflação, juros compostos, tributação e diversificação de investimentos (LUSARDI, 2011).

É notório que hoje existe uma grande disponibilidade de crédito no setor financeiro, e os produtos oriundos deste mercado são diversos: crédito pessoal, empréstimos, cheque especial, crédito rural - e a lista continua (BACEN, 2018). Porém, o fato é que, para que os indivíduos possam usufruir deste acervo, seria necessário que possuíssem um nível de conhecimento básico sobre finanças, não apenas para comprovar e ter acesso às informações que lhes são relevantes, mas também para avaliar a procedência das mesmas (BRAUNSTEIN, WELCH, 2002).

Nesse sentido, complementando a visão das autoras supracitadas, Savoia, Saito e Santana (2007) afirmam que em decorrência desse alto crescimento de crédito no mercado, a inadimplência, por sua vez, cresce de igual modo - apontando para uma necessidade evidente de instrução financeira por parte dos indivíduos. O que, anos mais tarde, é refletido pelos dados do SPC Brasil onde número de pessoas físicas inadimplentes - até o ano de 2019- atinge a marca de 62,08 milhões de brasileiros negativados, o equivalente a 40,2% da população adulta (SPC, 2019).

Para Braunstein e Welch (2002), além de proporcionar comodidade financeira e benefícios pessoais, a educação financeira colabora para um melhor desenvolvimento do mercado financeiro, uma vez que estimula os consumidores a demandar produtos e serviços que condizem com suas necessidades financeiras à curto e longo prazo, mantendo assim a competitividade no mercado. Complementando a ideia das autoras, Miranda (2013) evidencia que, à medida que o setor financeiro evolui com o aumento da disponibilidade de novos

produtos e serviços financeiros, bem como a tecnologia avança, o mercado demanda, cada vez mais, consumidores que estejam aptos para melhor gerenciar suas decisões.

Atualmente, o mundo vivencia um momento crítico - sem precedentes- no que diz respeito ao âmbito socioeconômico. A crise já existente na saúde e na economia acaba de se agravar exponencialmente diante da pandemia Covid-19. Diante deste cenário, muitos devedores se encontram incapazes de cumprir suas obrigações financeiras, restando como alternativas uma possível renegociação ou simplesmente incorporar o número de inadimplentes (BANCO MUNDIAL, 2020).

Nessa perspectiva, Bader e Savoia (2013) afirmam que pessoas que apresentam maiores dificuldades financeiras têm como prioridade suprir, primordialmente, suas necessidades básicas - alimentação, moradia, entre outras- a despeito de qualquer outra possibilidade dentro do ambiente financeiro. Na visão dos autores, isso se dá pelo fato de haver uma certa insegurança bem como desconhecimento do assunto por parte destas pessoas.

Diante disso, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2005), aponta para a educação financeira como instrumento de gestão que, por sua vez, tem a capacidade de proporcionar uma qualidade de vida melhor para os que a buscam, tendo em vista que contribui para o desenvolvimento de habilidades necessárias que tornam os indivíduos mais conscientes frente aos riscos e oportunidades financeiras.

Segundo Pinheiro (2008), a educação financeira se apresenta como um dos principais temas discutido internacionalmente. Onde representantes governamentais bem como entidades representantes de diferentes nações, têm dado ênfase à necessidade de instruir, financeiramente, os cidadãos - o que evidencia o alto desenvolvimento na economia de países como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e outros que, na percepção de Savoia, Saito e Santana (2007) tomaram ciência do impacto benéfico do ponto de vista social e econômico no país, o qual é promovido pela educação financeira e, devido a isto, vêm desenvolvendo uma série de programas e políticas públicas neste âmbito.

Segundo pesquisa desenvolvida por Bernheim, Garret e Maki (2007) nos Estados Unidos, a educação financeira faz parte da grade curricular de escolas secundárias (ensino fundamental e médio) em quase 60% nos estados do país. Além disso, os autores constataram que existem instituições financeiras como o *Federal Reserve* e a *National Endowment for Financial Education*, que são responsáveis por disseminar informações que proporciona aos cidadãos maior conhecimento e capacidade para otimizar suas decisões financeiras.

No Reino Unido, por exemplo, a educação financeira se encontra como matéria facultativa desde 2001 nas escolas secundárias, conforme Vieira, Sereia e Bataglia (2011). Já na Inglaterra, de acordo com Savoia, Saito e Santana (2007), a educação financeira não se trata de uma disciplina regular, porém, o conteúdo se encontra inserido em matérias como educação moral e cívica, matemática, dentre outras.

Devido as grandes proporções as quais a educação financeira ganhou nos países desenvolvidos, o Governo espanhol percebeu a necessidade de implantar políticas voltadas à esta temática para sua população. Diante disso, a Comisión Nacional del Mercado de Valores (CMVN) elaborou um plano de educação financeira com a finalidade de otimizar a cultura financeira dos indivíduos (BERNHEIM; GARRETT; MAKI, 2007).

Nesse panorama, os autores Savoia, Saito e Santana (2007) fizeram um levantamento das principais ações desenvolvidas por algumas entidades, órgãos governamentais e empresas no Brasil voltadas à educação financeira. Dentre essas, destacou-se o Ministério da Educação e Cultura –MEC que, embora não tenha como obrigatória a disciplina de educação financeira nas instituições de ensino, propõe que se incentive o uso e interpretação de textos com conteúdo econômico/financeiro nas mesmas.

A Comissão de Valores Imobiliários (CVM) atua nesse âmbito promovendo palestras e disponibilizando de forma gratuita cartilhas com a intenção de informar e educar o investidor. Por outro lado, a Bolsa de Valores Brasileira (B3), desde a década de 80, mantém um programa educacional voltado a instruir os indivíduos a respeito do funcionamento do mercado acionário, objetivando o incentivo a investimentos bem como repassar conceitos básicos sobre economia, entre outras (FERNANDES; CANDIDO, 2014).

Todavia, diante deste cenário, Saito (2007) certificou que, embora o Brasil venha desenvolvendo algumas ações voltadas à instrução financeira da população, a abordagem sobre o tema ainda se apresenta insuficiente diante da demanda social. Em decorrência dessa insuficiência, Savoia, Saito e Santana (2007) apresentam algumas possíveis ações para minorar esse déficit. Dentre essas, os autores destacaram o incentivo à cultura da poupança; disseminar os conceitos de investimento, consumo e crédito nas instituições de ensino, mídia e outros setores; implementar a educação financeira nos programas de todos os níveis de ensino e por fim, monitorar a qualidade destes programas.

2.2 Finanças comportamentais

Para Kimura, Basso e Krauter (2006), as finanças comportamentais se apresenta como uma teoria que, em sua essência, incita o paradigma imposto pela presunção de mercados eficientes, quando defende a ideia de que as decisões financeiras dos indivíduos - neste ambiente - nem sempre são racionais, o que implica em distorções no mercado, trazendo uma suposta ineficiência no mesmo. Dessa forma, as atitudes tomadas de forma irracional, isto é, baseadas em emoções ou sem cognição, impactam de maneira distendida e consistente, o desempenho das variáveis financeiras dos indivíduos bem como o mercado financeiro no qual estão inseridos.

Esse pensamento corrobora com o que Yoshinaga *et al.* (2006) apresentam, quando dizem que no mesmo âmbito em que indivíduos racionais e irracionais interagem, essa irracionalidade pode influenciar significativamente os preços dos ativos.

Na percepção de Halfed e Torres (2001), as finanças comportamentais objetiva revisar o aprimoramento do modelo econômico-financeiro atual pela inclusão de evidências sobre a irracionalidade do indivíduo frente às decisões de investimento, onde não se apresenta totalmente racional; isso pelo fato de haver fatores que interferem em suas decisões como os sentimentos, erros cognitivos entre outros.

Partindo dessa perspectiva e tendo em vista o atual cenário econômico global -este fortemente abalado pela pandemia do coronavírus- é possível enxergar uma crise que foge do padrão histórico: geralmente formada por problemas relacionados a moedas, câmbio, imóveis, entre outros. Essa por sua vez, está intrinsicamente vinculada a fatores que não podem ser analisados pelas lentes da racionalidade, como o pânico e histeria coletiva onde, conseqüentemente, as decisões estão imbuídas de uma enorme carga emocional dificultando ainda mais a assertividade no processo decisório (BUNDCHEN, 2020)

Um dos principais conceitos estudado na área das finanças comportamentais, segundo Halfed e Torres (2001), é o da aversão à perda. Para os autores, esse conceito baseia-se na ideia de que os indivíduos sentem mais a dor da perda do que o prazer de um ganho -mesmo que seja de valores equivalentes. Nesse sentido, complementando os autores supracitados, Ávila e Bianchi (2015) afirmam que pessoas que possuem essa concepção psicológica (aversão à perda), tendem a ser mais sensíveis às perdas. Com base em estudos, as autoras chegaram à conclusão de que, em média, esse grupo de pessoas (investidores) chegam a ser até duas vezes mais propícias as perdas do que aos ganhos similares.

2.3 Estudos anteriores

É possível encontrar diferentes estudos que abordam a temática Educação Financeira relacionando-a com diversos temas, abaixo é destacado alguns desses.

Fernandes e Candido (2014), realizaram uma pesquisa com alunos de pós-graduação de uma instituição de ensino para constatar quais são, segundo os entrevistados, os motivos que os levam a contrair dívidas. Para isso, buscaram identificar se na formação da educação financeira dos entrevistados existia influência da família, amigos, empresas e instituição de ensino; identificar o nível de endividamento destes e, por fim, identificar a forma de administração das finanças pessoais em entrevistados contemporâneos em períodos de instabilidade econômicas e políticas no país.

Com isso, constataram que boa parte das novas gerações não se encontram preparadas para tratar as questões relacionadas a sua administração financeira pessoal e, como consequência, possuem dificuldade de administrar suas finanças e apresentam uma proporção de endividados maior quando comparado com os seus ascendentes familiares.

Vieira, Bataglia e Sereia (2011), realizaram um estudo que se intitula da seguinte forma: “Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: Uma Análise dos Alunos de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná”, com o objetivo de analisar se existe influência por parte da educação financeira obtida junto aos cursos de graduação nas decisões de consumo, investimento e poupança dos graduandos. Aplicaram questionário para obtenção de dados e constataram que a formação acadêmica contribui positivamente para um melhoramento na tomada de decisões financeiras.

Ainda no contexto da educação financeira, Savoia, Saito e Santana (2007) realizaram um estudo sobre paradigmas da educação financeira no Brasil, no qual propõem cinco ações que auxiliam no empenho dos agentes público e privados no programa de educação financeira. Para isso, fizeram levantamento bibliográfico e documental para embasar o estudo de forma teórica e qualitativa. Chegaram à conclusão de que, no que tange a abordagem da educação financeira, o país ainda apresenta a questão de forma incipiente – determinado pelo limitado conhecimento e reduzida experiência por parte dos agentes envolvidos no processo de capacitação financeira.

No âmbito das finanças comportamentais, Halfed e Torres (2001) em seu estudo, fazem uma revisão das pesquisas internacionais pioneiras sobre a temática, fazendo um levantamento das principais qualidades e deficiências das Finanças Comportamentais, tendo em vista que se trata de um ramo polêmico no mundo contemporâneo das finanças. Chegam à conclusão de que a temática ainda se encontra em estágio de desenvolvimento, apresentando alguns conceitos que ainda precisam ser mais bem definidos, bem como algumas incoerências

a serem resolvidas e, por fim, a necessidade de um modelo matemático confiável e mais abrangente.

Kimura, Basso e Krauter (2006), realizaram um estudo sobre finanças comportamentais confrontada com a teoria moderna. Nesse ensejo, fazem uma síntese de potenciais problemas na tomada de decisão exemplificando alguns aspectos não racionais existentes nesse processo que dão origem a importantes paradoxos em finanças. Após abordarem a teoria dos prospectos, replicam em uma amostra brasileira os experimentos seminais de Kahneman e Tversky, como resultado perceberam que as evidências de diversos vieses de percepção em decisões ainda se mantem independentemente dos aspectos relacionados com a evolução do mercado, da cultura ou nacionalidade dos indivíduos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de natureza descritiva associada a uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Foram utilizadas as estratégias de pesquisa: bibliográfica e documental. Foi realizado em uma Instituição de Ensino Superior no sertão alagoano por meio de um levantamento do tipo *survey*.

Classifica-se como sendo de caráter descritiva quando o pesquisador registra e descreve fatos que outrora foram observados, visando descrever características de determinada população ou fenômeno (PRODANOV; FREITAS, 2013) e exploratória por ter como principal objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, visando fazê-lo mais compreensível aos que tiverem contato com o mesmo (GIL, 2007).

Neste estudo as estratégias de pesquisa bibliográfica e documental foram utilizadas para explicar e discutir a temática com base em referências publicadas e documentos como fonte de dados, informações e evidências (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

O universo da pesquisa compreende alunos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas de uma Universidade Pública Brasileira. Perfazendo um total de 315 alunos matriculados no ano de 2020: 218 alunos em Ciências Contábeis e 97 alunos em Ciências Econômicas. A amostra da pesquisa foi composta 76 alunos matriculados devidamente nos cursos de graduação. Desses, 40 alunos do Curso de Ciências Contábeis e 36 alunos do Curso de Ciências Econômicas.

Os dados foram coletados por meio de um questionário *online*, através de um link enviado ao e-mail institucional de cada aluno, com questões fechadas adaptadas de documentos da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2018) bem como do Banco Central do Brasil (BACEN, 2013) e complementado com questões adaptadas de estudos apresentados na revisão da literatura.

O questionário foi estruturado em duas dimensões: a primeira parte, buscou-se levantar o perfil socioeconômico. A segunda parte, os conceitos de finanças, percepção de renda e influência da educação financeira.

Foi utilizada análise estatística descritiva através do *software Excel*, onde se pretende comparar os resultados por alunos entre os diferentes períodos e cursos de graduação.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados está dividida em duas partes: Perfil dos respondentes, onde a princípio é descrito e analisado o perfil socioeconômico dos alunos e depois sobre Conceitos de finanças, Percepção de Renda e Influência da Educação Financeira. Com isso, é feita a análise identificando a percepção dos respondentes frente às questões financeiras.

O perfil dos respondentes da amostra dividido nos dois cursos de graduação são: o curso de C. Contábeis é composto por 42% (17) homens e 58% (23) mulheres. Desse total, a distribuição da faixa etária foi a seguinte: 7,5% até 20 anos; 72,5% de 21 até 29 anos; 17,5% de 30 até 39 anos e 2,5% acima de 40 anos. O curso de C. Econômicas é composto por 53% (19) homens e 47% (17) mulheres, estes distribuídos nas seguintes faixas etárias: 22,2% até 20 anos; 53% de 21 até 29 anos; 19,4% de 30 até 39 anos e 5,4% acima de 40 anos de idade. Constatou-se que 53% (40) do total de respondentes são do sexo feminino e os demais 47% (36) do sexo masculino e, em ambos os cursos, a faixa etária que concentra maior parte das respostas é de 21 a 29 anos.

Em relação ao perfil da amostra no que diz respeito a renda familiar mensal, verifica-se que dos 76 respondentes: 64,5% responderam que ganham até 1 salário-mínimo por mês; 21,1% entre 1 e 2 salários-mínimos; 11,8% entre 2 e 4 salários-mínimos e apenas 2,6% afirmaram receber acima de 4 salários-mínimos por mês. Existe uma melhoria do nível de renda e concentração na faixa de entre 2 e 4 salários-mínimos representado por 36,8% dos respondentes; e apenas 7,9% afirmaram possuir renda familiar acima de 4 salários-mínimos.

A segunda parte estudou sobre conceitos de finanças e influência da educação financeira. Nesse sentido, indagou-se quanto à autopercepção do discente em relação ao seu nível de conhecimento sobre educação financeira e à sua segurança quanto a tomada de decisões sobre questões financeiras.

A Tabela 1 apresenta os resultados sobre a autopercepção do nível de conhecimento e segurança sobre conhecimentos para gerenciar o seu próprio dinheiro.

Tabela 1 - Autopercepção do nível de conhecimento e segurança.

	n	(%)
Nada seguro	6	7,9

Não muito seguro	24	31,6
Razoavelmente seguro	30	39,5
Muito seguro	16	21
Total	76	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

De acordo com a Tabela 1, verifica-se que 39,5% dos respondentes têm a percepção de ser “razoavelmente seguro”, onde o indivíduo afirma conhecer boa parte do que precisa para gerenciar seu dinheiro. As opções conjuntas ‘Nada seguro’ e ‘Não muito seguro’ evidenciam que 39,5% dos participantes da pesquisa afirmam sentir necessidade de conhecer um pouco mais sobre finanças e possuir um nível melhor de educação financeira.

Diante disso, infere-se que a falta de conhecimento sobre finanças e educação financeira pode influenciar na relação do indivíduo com o dinheiro bem como na administração das finanças pessoais. O que corrobora com a ideia apresentada nos estudos da Braunstein e Welch (2002), de que parte dos problemas financeiros que acometem os indivíduos, ocorrem devido à falta de instrução/conhecimento no mesmo âmbito.

Em relação à investimento, buscou-se avaliar a percepção dos respondentes quanto ao seu comportamento como investidor, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Percepção do comportamento como investidor.

	n	%
Avesso ao risco	30	39,5
Autoconfiante	17	22,4
Indiferente	29	38,2
Total	76	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Na Tabela 2, pode-se perceber que 38,2% dos respondentes se consideram indiferente diante do assunto. Já 39,5% deles apresentam aversão ao risco, ou seja, optam por não se expor a qualquer situação que lhe possa oferecer risco em relação a determinado investimento; e os demais 22,4% se declararam autoconfiantes. Cabe ressaltar que, dos que se declararam avessos ao risco e autoconfiantes (61,9% da amostra), cerca de 83%, portanto, 39 respondentes, passaram por disciplinas correlatas à área de finanças.

Dessa forma, deduz-se que, possivelmente, a autoconfiança para identificar o perfil como investidor, seja ‘avesso ao risco’ ou ‘autoconfiante’, está correlacionada ao

conhecimento adquirido durante os períodos nos cursos de graduação expostos as disciplinas que abordam conteúdos inseridos no âmbito da educação financeira.

Com o objetivo de identificar a percepção do discente sobre reserva emergencial (reserva financeira) e quanto a sua eficiência, foram obtidos os seguintes resultados, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Eficiência da reserva emergencial.

	n	%
Depósito em conta corrente	8	10,5
Bens móveis e imóveis	49	64,5
Aplicação financeira, como por exemplo um fundo de investimentos	19	25
Total	76	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Verifica-se na Tabela 3 que 64,5% dos respondentes afirmaram que em caso de necessidade de recurso em caráter de urgência seria menos eficiente se estivessem aplicados em bens móveis e imóveis. Os demais afirmaram ser menos eficiente em outras opções: 10,5% em depósito em conta corrente e os demais 25% em aplicação financeira. Dessa forma, depreende-se que mudanças de comportamento e o desconhecimento sobre educação financeira pode influenciar na percepção dos alunos.

Acerca da percepção da propensão ao endividamento, indo da aversão às dívidas ao endividamento irresponsável, passando pelo endividamento responsável. Obteve-se os seguintes resultados, conforme mostra a Tabela 4:

Tabela 4 - Aversão a dívidas.

	n	%
Sim, tenho, mas trata-se de financiamento de longo prazo, cuja prestação eu sempre procuro pagar em dia.	15	19,7
Sim, tenho, mas não sei bem quando nem como irei pagá-las.	6	7,9
Sim, mas vou pagá-las em pouco tempo, já que tomei o cuidado de calcular na ponta do lápis como e quando irei quitá-las.	25	32,9
Não tenho dívidas pessoais, sempre faço o planejamento necessário para comprar à vista e com desconto.	30	39,5
Total	76	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Verifica-se na Tabela 4 que 39,5% dos respondentes afirmaram não possuir dívidas pessoais, outros 32,9% possuem dívidas, porém de forma totalmente planejada; 19,7% se enquadram no grupo dos que possuem dívidas, mas sem um planejamento claro, pois procuram sempre pagar as prestações em dia. 7,9% dos alunos afirmaram ter dívidas que não sabem como nem quando irão quitá-las.

Constatou-se que a maioria demonstra aversão ao endividamento, ou seja, optam por comprar à vista e com desconto - dentro de seu planejamento. Conseqüentemente, isso implica que os demais possuem algum tipo de dívida, ainda que planejada (ou não) e/ou de longo prazo, o que denota que a consciência no que diz respeito ao custo de comprar financiado não leva necessariamente a uma atitude avessa ao endividamento, mas evidencia que é possível contrair dívidas desde que haja um planejamento para tal decisão, fugindo assim do endividamento irresponsável – que é representado por 7,9% dos participantes da pesquisa.

No que tange a propensão ao risco, foi evidenciada as escolhas dos alunos, conforme os resultados apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Propensão ao risco.

	n	%
Ações, pois agrada-me a possibilidade de altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas.	15	19,7
Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco.	27	35,5
Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento.	15	19,7
Bens (carro, imóvel, etc.) pois a segurança, para mim, é o fator mais importante nos investimentos.	19	25
Total	76	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A Tabela 5 evidencia que 19,7% dos discentes afirmam ser mais propensos ao risco; 35,5% buscam investimentos de risco médio em troca de um maior retorno; 19,7% se mostram mais conservadores e priorizam a segurança em detrimento da rentabilidade e 25% apresentam-se extremamente avessos ao risco. Ao associar o perfil do aluno investidor com a autoavaliação do conhecimento para gerir seu próprio recurso, é possível depreender que existe uma tendência indicando que, quanto maior o nível de conhecimento (autoavaliado), maior a exposição e apetite ao risco.

Em relação a percepção dos discentes quanto ao custo financeiro que, normalmente, existe na rolagem das dívidas (nesse caso, no cartão de crédito), 72,4% dos respondentes apresentaram uma percepção consciente quanto ao custo incidente na rolagem de dívidas, tendo ciência de que o pagamento parcial de dívidas no cartão de crédito pós vencimento, traz como consequência a incidência de juros em cima do valor restante (crédito rotativo). Em contrapartida, os demais 27,6% demonstraram percepção inversa. Infere-se que o conhecimento sobre alguns conceitos básicos sobre uso do crédito e administração das dívidas abordados na educação financeira tendem a influenciar a percepção consciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que ainda existe a necessidade de conhecer mais sobre finanças e educação financeira na auto percepção por parte dos discentes dos cursos de graduação em ciências contábeis e econômicas. Também apontam que o conhecimento sobre alguns conceitos básicos sobre uso do crédito e administração das dívidas abordados na educação financeira pode influenciar a percepção consciente.

A autoconfiança em relação aos investimentos, possivelmente, está relacionada ao conhecimento adquirido durante a formação acadêmica, tendo por base o fato de que a maior parte dos que se declararam com esse perfil, já passaram por disciplinas correlatas à área de finanças durante a graduação. Isso se evidencia também na propensão ao risco, onde maior parte da amostra se apresenta propensos, ainda que a risco de nível médio, em busca de uma maior rentabilidade.

Com relação a necessidade da utilização de uma reserva de emergência e percepção do comportamento como investidor, entende-se que mudanças de comportamento e o desconhecimento sobre conceitos básicos da educação financeira pode ter influência na percepção dos alunos.

Em relação a propensão ao endividamento, pode-se afirmar que 39,5% dos alunos se demonstraram aversos, optando por não contrair dívidas - o que implica, necessariamente, em um bom planejamento financeiro para realizar as compras à vista. Fazendo um cruzamento da autoavaliação do conhecimento com a percepção da propensão ao endividamento, foi possível perceber que cerca de 63% dos que se declararam avessos às dívidas, também se autoavaliaram seguros para gerir seus recursos, o que confirma a influência positiva do conhecimento no âmbito da educação financeira na qualidade e melhoramento das decisões financeiras dos alunos.

Em síntese, pode-se dizer que os conhecimentos adquiridos pelos discentes nos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, contribuem para uma melhor percepção na tomada de decisões financeiras. Contudo, cabe salientar que não foi possível identificar o conhecimento sobre educação financeira não decorrente das disciplinas cursadas na graduação, ou seja, o conhecimento já obtido por meio de outras fontes além da universidade, o que se considera uma limitação deste trabalho, bem como a impossibilidade de ampliar a amostra devido à pandemia do COVID-19.

Entretanto, os resultados desta pesquisa são preliminares e sugere-se que novos estudos aprofundem a temática e amplie a amostra em outras instituições públicas e/ou privadas, tanto a nível acadêmica de graduação quanto de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, A.; BIANCHI, A. M. **Guia de economia comportamental e experimental**. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015.

BADER, M.; SAVOIA, J. R. F. Logística da Distribuição Bancária: Tendências, Oportunidades e Fatores para Inclusão Financeira. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 1-8, abril, 2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira**: gestão de finanças pessoais. Brasília, 17 ago. 2013. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/estudosoespeciais>. Acesso em: 26 set. 2020.

CONHEÇA os tipos de empréstimos disponíveis para consumidores de serviços financeiros. **Banco Central do Brasil**, São Paulo, 26 fev., 2018. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/227/noticia>. Acesso em: 06 ago. 2020.

A ECONOMIA nos tempos de Covid-19. **Banco Mundial**, Rio de Janeiro, 14 abr., 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5768/5768_7.PDF. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial literacy: An overview of practice, research, and policy. **Federal Reserve Bulletin**, U.S, p. 1-457, nov., 2002.

BERNHEIM, B. D.; GARRET, D. M.; MAKI, D. M. Education and saving: the long-term effects of high school financial curriculum mandates. **Junta de Governadores do Federal Reserve System**. jun., 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0047272700001201?via%3Dihub>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BÜNDCHEN, E. O Coronavírus e a economia comportamental. **O Sul**, Porto Alegre, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.osul.com.br/o-coronavirus-e-a-economia-comportamental/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

PESQUISA de endividamento e inadimplência do consumidor (Peic) – dezembro de 2020. **Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo**, São Paulo, 23 jun., 2020. Disponível em: <http://stage.cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-7>. Acesso em: 12 fev. 2020.

FERNANDES, A. H. S.; CANDIDO, J. G. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Rev. Elet. Gestão e Serviços**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-20, jul./dez., 2014. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/624-regs/v05n02/5273-educacao-financeira-e-nivel-do-endividamento-relato-de-pesquisa-entre-os-estudantes-de-uma-instituicao-de-ensino-da-cidade-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 13 fev. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALFED, M.; TORRES, F. F. L. Finanças comportamentais: aplicação no contexto brasileiro. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, Paulo, v. 41, n. 2, abr./jun., 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n2/v41n2a07.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

KIMURA, H.; BASSO, L. F. C.; KRAUTER, E. Paradoxos em finanças: teoria moderna versus finanças comportamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 1, jan./mar., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v46n1/v46n1a05.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. *In*: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, v.9, 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/266.pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

LUSARDI, A.; MITCHEL, O. S. Financial literacy and planning: implications for retirement wellbeing. **National Bureau of Economic Research**, Massachusetts Avenue, v. 1, maio, 2011.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o programa de educação financeira do banco central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. Orientadora: Sueli Angélica do Amaral. 2007. 214f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília. Brasília – DF. 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5293/1/2007%20Rodrigo%20Oct%c3%a1vio%20Beton%20Matta.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

MIRANDA, Matheus Ofugi Rodrigues. **Aeducação financeira e sua influência no planejamento de finanças pessoais dos alunos da FATECS do UNICEUB**. 2013. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração de Empresas) - Centro Universitário de Brasília, Brasília- DF, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4971/1/20953505.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

ORGANIZATION FOR ECONOMICCO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Improving financial literacy: analysis of issues and policies**. Paris: OECD Publishing, 2005. Disponível em: <http://www.oecd.org/finance/financial-education/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT.
OECD/INFE. **Toolkit for measuring financial literacy and financial inclusion**. Paris:
OECD, 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/2018-INFE-FinLit-Measurement-Toolkit.pdf> . Acesso em: 10 dez. 2020.

PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. São Paulo: Peixoto Neto, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo- RS: Feevale, 2013.

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-28012008-141149/pt-br.php>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SAVOIA, J. R. F; SAITO, A. T; SANTANA, F. A. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, nov. / dez., 2007.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOGISTAS. Serviço de Proteção ao Crédito (Brasil). **Inadimplência de pessoas físicas CNDL / SPC Brasil**. [S.l.]: SPC Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br>. Acesso em: 7 set. 2020.

VIEIRA, S. F. A; BATAGLIA, R. T. M; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set./dez., 2011.

YOSHINAGA, C. E. et al. Finanças comportamentais: uma introdução. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul. / set., 2008. Disponível em:
http://sistema.semead.com.br/7semead/paginas/artigos%20recebidos/Finan%E7as/FIN24_-_Finan%E7as_Comportamentais.PDF. Acesso em: 14 mar. 2020.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

I – Perfil

1. Gênero

- Feminino.
 Masculino.

2. Faixa Etária

- Até 20 anos
 De 21 a 29 anos.
 De 30 a 39 anos.
 Acima de 40 anos.

3. Curso de Graduação: _____

4. Período (semestre) atual em que estuda: _____.

II – Conhecimentos sobre a Percepção de Renda e da influência da Educação Financeira

5. Qual sua renda mensal líquida?

- () Até 1 salário mínimo; () Entre 1 e 2 salários mínimos;
 () Entre 2 e 4 salários mínimos; () Acima de 4 salários mínimos.

6. Qual alternativa melhor representa a média salarial mensal de sua família?

- () Até 1 salário mínimo; () Entre 1 e 2 salários mínimos;
 () Entre 2 e 4 salários mínimos; () Acima de 4 salários mínimos.

7. Sobre orçamento financeiro pessoal, está INCORRETO afirmar que:

- (a) O orçamento é deficitário quando as despesas são superiores às receitas.
 (b) O orçamento é neutro quando as despesas são iguais às receitas.
 (c) O orçamento superavitário não possibilita realização de poupança e investimentos.
 (d) O orçamento é superavitário quando as receitas são superiores às despesas

8. Em relação ao orçamento financeiro pessoal, podemos afirmar, EXCETO:

- (a) É uma ferramenta de planejamento financeiro.
 (b) Não oferece uma oportunidade para você avaliar sua vida financeira.
 (c) Contribui para você identificar e entender os hábitos de consumo.

9. Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?

- (a) Nada seguro – Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira;
 (b) Não muito seguro – Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças;
 (c) Razoavelmente seguro – Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto;
 (d) Muito seguro – Eu possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.

10. Na sua percepção, qual o seria seu comportamento como investidor de acordo com o seu conhecimento sobre Educação Financeira?

- () Investidor avesso ao risco (aversão à perda)
 - () Investidor bastante confiante (autoconfiança)
 - () Indiferente
- 11. Rodrigo e Tarcísio são jovens que recebem a mesma quantia em salário. Ambos desejam comprar um carro no valor de R\$ 20.000,00. Quem, efetivamente, pagou mais pelo bem?**
- (a) Rodrigo, que comprou hoje, financiando o saldo devedor por 24 meses;
 - (b) Tarcísio, que preferiu poupar por 15 meses, mas comprou o carro à vista.
- 12. Muitas pessoas guardam dinheiro para despesas inesperadas. Se Marcos e Camila têm guardado algum dinheiro para emergências, qual das seguintes alternativas seria a MENOS eficiente para o caso deles necessitarem do recurso com urgência?**
- (a) Depósito em conta corrente;
 - (b) Bens móveis e imóveis;
 - (c) Aplicação financeira, como por exemplo um fundo de investimentos.
- 13. Wilker ganha R\$ 1.000,00 por mês. Gasta R\$ 300,00 com aluguel e mais R\$ 100,00 de alimentação todo mês. Gasta ainda R\$ 200,00 em transportes, R\$ 100,00 em roupas, R\$ 50,00 em remédios e mais R\$ 50,00 em pequenas despesas extras. O mesmo pretende comprar uma TV que custa R\$ 800,00. Quanto tempo ele levará guardando recursos para comprar a TV?**
- (a) 3 meses;
 - (b) 4 meses;
 - (c) 5 meses;
 - (d) 6 meses.
- 14. Carlos e Daniela têm a mesma idade. Aos 25 anos, ela começou a aplicar R\$ 1.000,00 por ano, enquanto o Carlos não guardava nada. Aos 50, Carlos entendeu que precisava de dinheiro para sua aposentadoria e começou a aplicar R\$ 2.000,00 por ano, enquanto Daniela continuou poupando seus R\$ 1.000,00. Agora eles têm 75 anos. Levando em consideração que ambos fizeram o mesmo tipo de investimento, quem possui mais dinheiro para sua aposentadoria?**
- (a) Eles teriam o mesmo valor, já que na prática guardaram as mesmas somas;
 - (b) Carlos, porque poupou mais a cada ano;
 - (c) Daniela, porque seu dinheiro rendeu por mais tempo a juros compostos.
- 15. Se você tivesse recursos para investir, sem ter um prazo definido para resgatar, com qual das alternativas abaixo você mais se identificaria como aplicador?**
- (a) Ações, pois agrada-me a possibilidade altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas.
 - (b) Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco.
 - (c) Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento.
 - (d) Bens (Carro, moto, imóvel...), pois a segurança para mim é a coisa mais importante.
- 16. Você tem algum tipo de dívida (empréstimos, financiamentos, rotativo do cartão)?**

- (a) Sim, tenho, mas trata-se de financiamento de longo prazo, cuja prestação eu sempre procuro pagar em dia.
- (b) Sim, tenho, mas não sei bem quando nem como irei pagá-las.
- (c) Sim, mas vou pagá-las em pouco tempo, já que tomei o cuidado de calcular na ponta do lápis como e quando iria quitá-las.
- (d) Não, não tenho dívidas pessoais. Sempre faço o planejamento necessário para comprar à vista e com desconto

17. Qual das pessoas pagaria mais em despesas financeiras por ano se elas gastassem a mesma quantia por ano em seus cartões de créditos?

- (a) Ellen, que sempre paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento.
- (b) Pedro, que geralmente paga todo o saldo do cartão de crédito no vencimento, mas ocasionalmente paga só o mínimo, quando está sem dinheiro.
- (c) Luís, que paga pelo menos o mínimo todo mês e um pouco mais quando tem alguma folga.
- (d) Nanci, que sempre paga o mínimo.